

# IDENTIDADE E A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO

*Girleide Ribeiro Santos\**

*Carla Luzia Carneiro Borges\*\**

**RESUMO** — *Neste artigo se discute a forma como a identidade é percebida na Análise de Discurso que a considera como feixe instável de processos de identificação, visto que, esta é caracterizada pela provisoriedade e pela heterogeneidade. Desse modo, faz-se necessário pensar nas várias formas do sujeito se relacionar com a Forma Sujeito das formações discursivas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Identidade, Fragmentação, Sujeito*

## INTRODUÇÃO

O Sertão Baiano tem sido pano de fundo para várias representações, seja na pintura, na literatura, na mídia e, muitas são as imagens e os discursos produzidos nestas instâncias. Porém, muito do que é produzido em relação à Sertão, quando se refere ao olhar do que lhe é “outro”, este outro que não é o sertanejo, que ocupa outro “lugar”, apresenta o sertanejo de modo caricatural. A exemplo disso, temos vários programas televisivos: novelas, programas de humor, que de modo hiperbólico constroem a imagem do sertanejo, apresentando-o como o “bruto”, o “engraçado”, o “grotesco”, o desprovido de inteligência e de formação.

Para discutir a complexidade do sertão e suas múltiplas facetas, bem como o de mulher sertaneja não podemos pensar numa ideia de unicidade, visto que, esta ideia de ser único incorre na construção de um estereótipo que produz um efeito de verdade reduzindo o sertão à imagem da seca, do solo rachado

---

\* Bolsista PROBIC, Graduada em licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-Mail: kc.carol@bol.com.br.

\*\* Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-Mail: cliosilva@yahoo.com.br.

negando-lhe a existência de ser *outros sertões e à mulher, a forma caricatural, grotesca, negando-lhe o direito de ser “várias”*.

É com base neste princípio que surge a ideia de trabalhar a relação entre sertão e mulher sertaneja, personagem deste cenário, por considerá-la um forte alvo destas construções em função dos dois lugares que ocupa: o de “negação” do homem e, ainda, o de sertaneja. Partindo da hipótese de que esta representação não considera todos os elementos que compõem *mulher e sertão*, suprimindo-lhes todas as suas particularidades, belezas, todos os elementos ligados à sertanidade é que nos propomos a discutir as cores que formam este cenário Nordestino especificamente Baiano.

Identidade e fragmentação do sujeito surge no afã de trazer à tona estas representações presentes nas imagens construídas neste espaço, estabelecendo relação com os discursos produzidos na construção da identidade desta mulher que fala do lugar que lhe é próprio, no intuito de relacionar estes discursos imagéticos e verbais à construção dessa ou dessas identidades, identificando as ideologias pelas quais são interpelados estes sujeitos através das Formações Discursivas nas quais estão inscritos. Considerando ainda se estes discursos revelam marcas de conservação das ideologias presentes nas Formações Discursivas dominantes das quais são oriundos ou se se caracterizam pela contraidentificação ou desidentificação destas Formações Discursivas.

Como bem ressaltou Pêcheux, (1983/1990, p. 53) *“um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro”*. Esta fala configura uma possibilidade do sujeito deslocar-se de uma Formação Discursiva para outra lhe dando certa liberdade.

Para realização deste trabalho teremos como *lócus* de investigação o **“Movimento de Mulheres de Jacobina”**, uma associação de “defesa da mulher” que surge na década de 1980, pelo seu caráter político e pela diversidade dos componentes que o constituem

## IDENTIDADE E A (DES)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Para a Análise de Discurso Francesa não existe a individualidade do sujeito, pois é no social que este sujeito toma forma, toma corpo. Assim, não somos a origem do dizer, não somos a fonte dos sentidos.

*Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo...não se originam em nós . Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. (ORLANDI, 2009, p. 35)*

Somos constituídos em sujeitos a partir do modo como somos interpelação pela ideologia. Assim, tudo que significa para nós já significou antes em outro lugar. Os discursos produzidos são produzidos a partir do lugar ocupado pelos sujeitos do discurso.

O Sertanejo tem sido alvo de representações em vários segmentos: pintura, literatura, música. Porém, estes discursos são marcados por uma Formação Discursiva dominante que fala deste sertanejo de forma hiperbólica, caricatural, grotesca, estereotipada. A exemplo disso temos vários programas de humor, novelas dentre outros que trazem o sertanejo como desprovido de beleza e de formação. Este “espetáculo” causa riso, muitas vezes do próprio sertanejo. Isto significa dizer que, de alguma forma, existe uma identificação deste sertanejo com esta representação.

Estes discursos revelam uma ideia de unicidade através da repetibilidade de um traço/marca que nega ao sertanejo a possibilidade de ser “vários”. A propagação desta identidade incute num efeito de verdade silenciando outros modos de ser sertanejo. Partindo do princípio de que a identidade não é estática, sólida e imutável, a constituição desta identidade se dá a partir do modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia. Como aponta Hall,

A identidade torna-se numa “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2011, p. 13)

A identidade já foi concebida como forma de segurança, em razão do sujeito estar ligada, de pertencer a um grupo. Porém, em razão de todas as modificações que emergem da sociedade, a possibilidade em transitar pelas Formações Discursivas através das manobras que são possíveis aos sujeitos, pensar numa identidade sólida, fixa, se constitui numa impossibilidade.

O sertanejo no cenário midiático quando é representado pelo outro, este outro que não é o sertanejo, o traz como o engraçado, apresenta uma imagem e linguagem hiperbólica, caricatural, e, por vezes estas imagens causam riso, muitas vezes do próprio sertanejo. Isto significa dizer que, de alguma forma, existe uma identificação deste sertanejo com esta representação. Contudo, estas vozes que ecoam em relação ao sertanejo e, especificamente da mulher sertaneja, silencia as possíveis identidades presentes neste cenário Nordeste. E, como reflete Vasconcelos (2011, p. 31) “discutir identidade é discutir alteridade, invenção, discurso, poder simbólico estereótipo”.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2003, p. 13)

Esta identificação temporária pode ser percebida pela posição assumida pelo sujeito do discurso frente a Forma –Sujeito da Formação Discursiva na qual está inscrito. Refletir sobre identidades e seus diferentes papéis e representações sociais é refletir a mobilidade do sujeito em razão de seu constructo que se caracteriza pela mutabilidade. Partindo desse princípio não se pode afirmar que temos uma identidade formada e estática, já que somos seres que mudamos no decorrer das nossas vidas

a partir do modo como somos interpelados, portanto, incompletos e complexos.

As identidades vão sendo construídas a partir do modo como nos posicionamos no mundo, e este posicionamento acontece a partir da nossa filiação às Formações Ideológicas. Assim, a escolha da nossa profissão, o modo como representamos diferentes papéis, nos diferentes contextos público ou privado em que atuamos diz respeito a estas filiações.

Compreender, pois, este processo de mudança na construção das identidades no mundo contemporâneo se faz necessário para o entendimento de como o sujeito pós-moderno está fadado a ser envolvido nessa teia, nesta fragmentação, enfim, nas várias mudanças que ocorrem na sociedade. Porém, tudo se constrói a partir de um *já dito* que tem como base a paráfrase e a polissemia, ou seja, “o mesmo” e “o outro”. Então, toda ideia que se tem hoje de mulher, de homem, de família, de sociedade fundamentam-se no interdiscurso, em todos os dizeres a respeito destes e de outros elementos.

## **A INSTABILIDADE NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO**

A identidade, segundo Zoppi-Fontana (2003), se caracteriza pela instabilidade no processo de identificação. Assim afirma:

[...] a identidade se apresenta ao analista como feixe instável de processos de identificação, podendo ser explorada tanto no seu funcionamento imaginário (a partir do funcionamento da ilusão subjetiva: ego uno, estável, autoevidente), quanto na sua instabilidade e provisoriedade constitutiva, descrevendo, a partir dos efeitos do interdiscurso nas formulações, as contradições que a atravessam, seus deslocamentos históricos, sua necessária incompletude. (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 263)

São destacados aqui dois aspectos que definem a identidade: a provisoriedade e a heterogeneidade. O primeiro aspecto ocorre dado seu caráter temporário de estabilização em função

da subordinação das formações discursivas ao interdiscurso no âmbito das condições de produção. O segundo aspecto, nas palavras de Zoppi- Fontana (op. cit., p. 264) caracterizado pela heterogeneidade das identidades, se dá em função da contradição que define as relações entre as formações discursivas no interdiscurso.

Existe uma ilusão subjetiva da identidade enquanto unidade que se dá no campo do imaginário. Este imaginário da unidade, da identidade fixa não se sustenta em razão das formações discursivas não se constituírem em campos fechados delimitados, pelo contrário, o que as caracteriza é a porosidade. Assim sendo, a relação estabelecida entre as posições-sujeito e a forma-sujeito, inevitavelmente serão também fruto desta instabilidade.

## **A VERSÃO FRAGMENTADA DO SUJEITO**

A proposta de trazer à tona as discussões relacionadas à mulher e sertão baseadas na Análise de Discurso Francesa se justifica inicialmente por considerar que todos os discursos são os lugares por excelência da materialização das ideologias, e ainda por considerar que a construção da/das identidades se fazem a partir do modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia. Apresentar o Sertão com uma ideia de unicidade não considera a porosidade das Formações Discursivas, a subjetividade dos sujeitos, nem tampouco a mutabilidade a fragmentação do sujeito.

Para a Análise de Discurso Francesa o sujeito não se constitui origem de seu dizer, pois é assujeitado a língua e interpelado pela ideologia. Desse modo, o sujeito não é considerado no âmbito da individualidade, visto que, a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se dá pela identificação do sujeito com a Formação Discursiva que o domina. Assim não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica

dada - determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2009, p. 43)

As Formações Discursivas se constituem através de saberes organizado pela Forma-Sujeito da Formação Discursiva. Esta funciona como memória para o sujeito que com ela se identifica determinando o que pode e deve ser dito, e, excluindo o que não pode e não deve ser dito. A inscrição em determinada Formação Discursiva se dá pelo processo de identificação do sujeito com estes saberes. Os sujeitos que se identificam inteiramente com a Formação Discursiva dominante na qual está inscrito são considerados como o “bom sujeito”. Porém, e considerando que as Formações Discursivas não são fechadas, pelo contrário, são porosas, e considerando ainda a subjetividade do sujeito e dos sentidos e conseqüentemente da própria Formação Discursiva, existe certa liberdade do sujeito em transitar nestes espaços.

Esta manobra discursiva apresenta novas formas da posição-sujeito se relacionar com forma- sujeito da Formação Discursiva, que vai além da identificação através da contra-identificação ou mesmo desidentificação.

Quando o sujeito do discurso, através de uma “tomada de posição” se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da Formação discursiva com a qual o sujeito do discurso se identifica ocorre uma contra-identificação. Neste caso o sujeito é considerado como o mau sujeito , pois questiona , indaga, apresenta uma atitude de revolta em relação à Forma – Sujeito da Formação Discursiva . Esta atitude conseqüentemente propicia o desdobramento da Forma – Sujeito. Porém, esta movimentação ocorre dentro dos limites controlados pela Forma-Sujeito da Formação Discursiva.

Pode ocorrer ainda, também através de uma tomada de posição uma desidentificação do sujeito com a forma-sujeito que organiza os saberes da Formação Discursiva, o que implicaria na saída desse sujeito desta Formação Discursiva o que indicaria que este sujeito já estaria filiado a outra Formação Discursiva.

O processo de desidentificação e mesmo o de identificação propiciam uma ideia de forma-sujeito enquanto unidade imaginária. Mas , em se tratando da contra-identificação , em que o sujeito

apesar de toda atitude de confronto, de indagação, de revolta, apesar de todo conflito, permanece na formação discursiva que o domina , provoca uma fragmentação da forma-sujeito, isso em razão de toda movimentação, da possibilidade em transitar entre as formações discursivas, e, nas palavras de Indursky (2008):

[...] em decorrência do desdobramento da forma-sujeito, pode-se entender que o sujeito da AD é um sujeito dividido e, em decorrência disso, a FD que o abriga passa a ser um domínio onde há espaço para a diferença e a divergência, tornando-se igualmente heterogênea , não idêntica a si mesma. (INDURSKY, Freda, 2008)

É com base neste arcabouço teórico que serão discutidas as questões relacionadas aos espaços discursivos ocupados pela mulher sertaneja, esta escolha se fez em razão deste sujeito ser duplamente afetado em função dos dois lugares que ocupa: o de ser mulher e ainda o de ser sertaneja.

Portanto, partimos dessa concepção de identidade para realizar a análise da construção das identidades das mulheres do MMJ (Movimento de Mulheres de Jacobina), desse movimento social que engloba essas atrizes sociais participantes

Caminhada da mulher realizada pelo Movimento de Mulheres de Jacobina (março 2014)





desse contexto social, cujas ações sociais, políticas, culturais e de militância apresentam as marcas dessas alterações dos pensamentos, das posturas e visões da sociedade.

## **UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO**

O Movimento de Mulheres de Jacobina é um movimento que surgiu na década de 1980 em defesa da mulher. Dentre as atividades realizadas pelo Movimento, ocorre anualmente uma caminhada pela cidade numa espécie de protesto contra a violência sofrida pela mulher.

Nesta caminhada que ocorreu no dia 8 de março de 2014, cuja imagem foi retirada do facebook do próprio movimento, percebe-se a presença de um grupo de mulheres trajadas do mesmo modo, com cores padronizadas segurando uma faixa que propagam a Instituição. Estas mulheres apresentam-se de forma ereta, em seus rostos não esboçam sorriso, mantêm-se sérias como se demonstrassem a própria seriedade em que deve ser tratado o assunto – Mulher. Com base em todos os construídos em relação à mulher, e, neste espaço, este sujeito é duplamente afetado pelo fato de ser mulher e ainda sertaneja, em função de todos os “já ditos”, temos uma Formação Discursiva dominante que a apresenta como a negação do homem, o não homem, aquela a quem lhe falta algo em razão de uma sociedade machista, branca, cristã e porque não dizer sulista.

Este movimento, a saída pelas ruas, demonstra uma forma da posição - sujeito se relacionar com a forma-sujeito da Formação Discursiva em que estão inscritas estas mulheres. Esta tomada de posição revela uma movimentação em relação aos saberes produzido na formação discursiva que pode caracterizar-se pela contra-identificação ou mesmo desidentificação o que provoca uma modificação, uma nova forma de se relacionar com a forma - sujeito.

Na mesma imagem, percebe-se ainda a presença de algumas mulheres que trajam roupas diferentes daquelas que caracterizam o Movimento, no intento de mostrar os vários lugares ocupados pelas mulheres. Trajes de baiana, roupas curtas ou mesmo o

uso somente de um biquíni na parte superior do corpo, são formas de se relacionar, de se posicionar frente aos já ditos. Num cartaz segurado por uma mulher, com características mais jovens que as demais temos em letras vermelhas: **“Eu não me dou o respeito porque ele é meu por direito”**, existem ainda textos produzidos nos suportes dos próprios corpos expostos, da mulher vestida de baiana, grávida que tem escrito em sua barriga **“Meu corpo minha vergonha”**. Esta mesma frase está presente no corpo de outra menina que segura o cartaz, tudo se organiza como se um movimento ocorresse dentro do outro. Todos estes dizeres remetem aos já ditos em função dos sentidos estabilizados sobre este sujeito. Neste cenário é feita uma alusão à Marcha das Vadias, movimento ocorrido em 2011, por um processo de identificação que desestabiliza a filiação sócio-histórica destes sujeitos.

Isto significa dizer, que existem de fato, várias maneiras de se relacionar com a forma – sujeito, com os saberes da formação discursiva, identificando-se, contra-identificando-se ou desidentificando-se. Vale então ressaltar que o que caracteriza os sujeitos é a provisoriedade e a heterogeneidade e isso reflete diretamente nas formações discursivas bem como na forma – sujeito em razão da porosidade das formações e consequentemente a circulação dos saberes nesta instâncias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber, apesar do assujeitamento, o sujeito da análise de discurso possui certa forma de liberdade, de manobra. Permitindo-lhe assumir diante da Formação Discursiva na qual está inscrito uma postura de identificação, contra-identificação ou desidentificação. Isso porque, identidade e sujeito são marcados pela dispersão e fragmentação.

Assim, o sujeito não pode ser pensado numa ideia de unicidade, visto que, esta ideia de ser único incorre na construção de um estereótipo que produz um efeito de verdade que silencia as várias vozes produzidas no enlace das formações discursivas. No contexto de sertão o reduz à imagem da seca,

do solo rachado negando-lhe a existência de ser *outros sertões e à mulher, a forma caricatural, grotesca, negando-lhe o direito de ser “várias”*. É preciso pensar no processo, nas imagens que foram construídas acerca dos elementos ligados a Sertão através dos *já ditos*. Faz-se necessário pensar nesse processo de estereotipia, assim como nos alerta Albuquerque Júnior (2011, p. 30):

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva a estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que arroga o direito de dizer o que o outro em poucas palavras. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30)

Existe um imaginário que cristaliza os sentidos. E é com base nesse imaginário que são construídas as ideias que os sujeitos fazem uns dos outros e de seu referente. Considerando que a realidade é simbólica, não existe em si mesma, ou, por si mesma, o modo como a concebemos define o modo como somos afetados pela ideologia.

É preciso ainda definir o que faz ser sertanejo, quais são os elementos que definem então este lugar. Finalizamos para um posterior recomeço desta discussão trazendo mais uma vez as palavras de Albuquerque Júnior (2011) que assim reflete:

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados, e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35)

Construímos e somos construídos pela linguagem, este espaço surge como um princípio de muitas reflexões, ainda por vir, acerca de como através da linguagem, dos discursos produzidos no e sobre o sertão e mulher sertaneja estes se constituem como tal.

## IDENTITY AND SUBJECT FRAGMENTATION

**ABSTRACT** — *In this article discusses how identity is perceived in discourse analysis that considers unstable identification processes beam, since this is characterized by temporariness and the heterogeneity. In this way, it is necessary to think of different ways to relate to the subject Form Subject of discursive formations*

**KEY WORDS:** *Identity, Fragmentation, Subject*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **a invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2011.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CAMARGOS, Ivete Lara Walty (Org.). **Palavra e imagem. Leituras cruzadas**. Editora Autêntica, 2001.

GREGOLIN, Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

INDURSKY, Freda, e Maria do Carmo Campos. **Discurso, memória, identidade**, Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

\_\_\_\_\_. **Unidade, desdobramento, fragmentação: trajetória da noção de sujeito em análise de discurso**. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Org.), **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova 2008, p. 9-33.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. Ed. Petrópolis: VOZES, 2010

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livros Editora, 2006.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002 (Coleção Letramento, educação e sociedade).

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. Ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp), n ° 7 NUDECRI – Campinas: Unicamp, março 2001.

VASCONCELOS, P. C. **Ser-tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração na identidade baiana**. Editora EDUFBA, 2011.

ZOPPI-FONTANA, M. **Identidades informais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença**. Organon (UFRGS), Porto Alegre, vol. 17, n. 35, 2003, p. 245-282.

